

Moçambique exposto: um convite a conhecer o país

GABRIELA OLIVEIRA AZEVEDO

MATTOS, R. A; MORAIS, C. M; PEREIRA M. S. **Encontros com Moçambique**. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2016.

Encontros com Moçambique resultou do seminário “II Semana da África: Encontros com Moçambique”, realizado no Rio de Janeiro, em 2016. Resultado da reunião de três historiadores – Carolina Maíra Gomes Morais, Matheus Serva Pereira e Regiane Augusto de Mattos –, *Encontros com Moçambique* foi organizado a fim de contribuir com a produção acadêmica sobre a África, abordando aspectos específicos sobre um país ainda pouco conhecido pelos brasileiros: Moçambique. Composto de artigos de diversos autores, além dos textos dos próprios organizadores, o livro se divide em três partes.

A primeira, intitulada “Deslocamentos, Conexões Históricas e Conflitos”, é composta por três capítulos escritos pelos organizadores do livro. O primeiro, de autoria de Regiane Augusto de Mato, traz um panorama histórico da expansão do islamismo em Moçambique durante o século XIX e seus desdobramentos. A autora aborda a relação não hierárquica entre os sultanatos de Angoche, em Moçambique, e de Zanzibar, na Tanzânia, que juntos trabalharam para expandir o islamismo na região, enfatizando como essa expansão ocasionou na promoção do comércio e na livre circulação de pessoas. A autora demonstra domínio sobre novos conceitos e analisa esses movimentos através da ótica da “translocalidade”, termo estabelecido pela historiadora Ulrike Freitag. Este conceito se afasta do foco elitista da história global, o qual geralmente não leva em consideração o papel de

GABRIELA OLIVEIRA AZEVEDO

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Paulista (UNIP).
E-mail: gabri_ela_oliveira@hotmail.com

atores, lugares e processos que não são comumente discutidos. Ao contrário, foca nas interconexões entre locais e atores, dando novo significado a aspectos globais em âmbito local. Apesar de uma linguagem agradável e instigante, o texto demanda conhecimento prévio do leitor em relação à história da região, o que lhe distancia do público geral, mas permite a especialistas o conhecimento de uma nova abordagem do tema.

O segundo capítulo, de autoria de Matheus Serva Pereira, intitula-se “Algazarras ensurdecedoras: conflitos em torno da construção de um espaço urbano colonial (Lourenço Marques – 1900-1920)”. O propósito do autor é mostrar como os colonizadores se apropriaram da cidade de Lourenço Marques, atual Maputo, e os conflitos gerados pela repressão realizada pelos portugueses à cultura local no início do século XX. Com base na análise de fontes primárias, Pereira direciona as atenções para a forma como os moçambicanos eram tratados pela imprensa, muitas vezes, sendo mencionados de forma pejorativa. A imprensa, controlada basicamente pelos cidadãos europeus, exigia que as manifestações culturais dos moçambicanos fossem realizadas no mato, longe das cidades, pois os chamados “batuques” incomodavam a população europeia que acabara de se estabelecer na localidade. A linguagem do autor é instigante e de fácil leitura.

O terceiro capítulo retrata as estratégias aplicadas pelo colonialismo português para introduzir o trabalho assalariado no país. A instituição de impostos em dinheiro levou às relações de trabalho de tipo capitalista e impulsionou a migração de trabalhadores para a África do Sul, onde os trabalhos nas minas rendiam salários mais altos que o trabalho agrícola em Moçambique. Carolina Maíra Gomes Morais aborda os problemas sociais e de saúde gerados por essa migração, ao mesmo tempo em que apresenta os aspectos positivos desse processo, como a circulação de pessoas e a troca de costumes e conhecimentos. O fato de o Estado colonial ter forçado a população ao trabalho assalariado, ao mesmo tempo em que não tinha condições de absorver toda a mão de obra, levou à migração em busca de melhores salários, processo que findou por provocar problemas de saúde na população e que beneficiava a metrópole com o pagamento de impostos.

Portanto, a primeira parte do livro está concentrada em fornecer informações e aspectos variados em relação a Moçambique, com a finalidade de dar algumas informações essenciais para que o leitor compreenda os temas que serão abordados nos capítulos seguintes. Cada um dos autores discute temas através da análise histórica e indica como o colonialismo português materializou seu domínio sobre o território e a população moçambicana. Eles também analisam como Moçambique foi influenciada por culturas de países como a Tanzânia e a África do Sul. Apesar de introdutória, a reunião desses três capítulos já nos traz uma profunda análise de temas importantes para se compreender este país.

A segunda parte do livro começa com o capítulo de Alex Santana França, que retrata o papel do cinema em narrar acontecimentos em Moçambique. Seu principal objetivo é mostrar como os filmes se posicionam em relação aos aspectos da história de Moçambique, partindo do princípio de que o cinema tem o poder de definir identidades através da representação de personagens, situações e histórias. O texto ainda faz uma crítica às produções e aos pensamentos ocidentais acerca da África, muitas vezes, preconceituosos e equivocados. A linguagem do autor é instigante e traz ao leitor leigo uma ideia sobre a retratação de Moçambique através do cinema e mostra a importância dessa ferramenta para a construção de uma identidade, logo, como o cinema nos influencia.

O capítulo 05, de Isa Márcia Bandeira de Brito, tem por objetivo mostrar como a fotografia ratifica personagens e histórias. Bandeira fala do trabalho do jornalista Ricardo Rangel, que teve alguns de seus retratos censurados pelos colonizadores, pois eram imagens que denunciavam a barbárie da colonização. Através de uma linguagem clara e acessível, o autor mostra como os portugueses censuravam o jornalismo e a arte, mesmo durante o período de luta pela independência de Moçambique.

Gabriele de Novaes Santos assina o sexto capítulo, onde analisa como a literatura e a imprensa se conectam ao criticar o sistema colonial. A autora fala sobre as obras de Noemia de Souza, símbolo das resistências plurais dos negros no continente africano e de denúncia às sujeições econômicas, culturais e raciais. Devido à ausência de uma máquina editorial sólida, os jornais se tornaram

o principal suporte para a expressão artístico-literária. Noemia de Souza se destaca por sua poesia contestatória em relação ao colonialismo português. Dentre suas obras, encontramos críticas a elementos do colonialismo, elaboradas na busca da construção de uma identidade nacional em Moçambique, através dos princípios portugueses. Apesar das censuras sofridas, Noemia se destacou pela poesia que dava voz aos reprimidos.

O capítulo 07 retrata a mulher moçambicana e as práticas culturais relacionadas ao gênero. Fatime Samb faz um estudo comparativo das obras “Niketche – uma história de poligamia”, de Paulina Chiziane (primeira escritora moçambicana a abordar as questões das mulheres na literatura); e “*Une si longue lettre*”, de Mariana Bâ, escritora senegalesa que abordou em seu livro as mesmas questões de Chiziane. A autora discute os hábitos culturais dos povos de Moçambique em relação ao papel da mulher dentro da sociedade e mostra como diferentes etnias lidavam de formas diferentes com esta questão. Mesmo com o processo de independência e com a instituição dos direitos das mulheres, muitas das práticas patriarcais e de violência contra a mulher continuavam a ser realizadas, principalmente na zona rural. Através dessas obras, a autora desvenda o papel das mulheres na sociedade, reflete sobre a poligamia e práticas culturais moçambicanas, mostrando como a literatura pode ser considerada uma ferramenta para a realização de denúncias, através de seu poder em propagar tal assunto e colocá-lo em debate em diversos setores da sociedade.

A segunda parte do livro, portanto, dedica-se a demonstrar como a arte, a literatura, o cinema, a fotografia, dentre outros elementos artísticos, foram importantes para a documentação da história de Moçambique, na medida em que se transformaram em agentes que denunciavam os abusos dos colonizadores, instigavam a luta pela independência, confortavam povos explorados e ajudavam na construção de uma verdadeira identidade moçambicana. Esta parte do livro preocupa-se em retratar o colonialismo português através dos olhos desses artistas, que, apesar da censura, nos deixaram trabalhos essenciais para a compreensão da história de Moçambique. A reunião desses quatro capítulos nos mostra o quão importante são os mecanismos artísticos e as

produções independentes para a retratação da realidade de povos “esquecidos” e como esses artistas se tornam agentes da história, além do fato de documentarem-na para nós e de nos deixarem essa herança.

O capítulo de Elga Lessa de Almeida e Elsa Sousa Kraychete, “Moçambique e a cooperação internacional para o desenvolvimento” dá início à parte III do livro e tem por objetivo analisar a trajetória da cooperação internacional para o desenvolvimento em Moçambique, buscando entender as motivações que o levaram a ser considerado um “laboratório” para diversas modalidades de ajuda. O artigo se inicia com um histórico sobre a cooperação para o desenvolvimento e, logo, mostra como Moçambique tem recebido ajuda de outros países. A guerra civil, iniciada em 1977, aliada à seca do início da década de 1980, deixou o país em situação de extrema vulnerabilidade, principalmente na área rural, forçando Moçambique a aceitar a ajuda externa. As autoras analisam como a cooperação Norte-Sul, comandada por países europeus e pelos EUA, condicionou a cooperação a interesses políticos e econômicos dos países desenvolvidos e demonstram que as ações de cooperação não foram capazes de distribuir o ganho do crescimento gerado por essas ações para parcela considerável da população nem de criar uma elite com força suficiente para barganhar maiores participações nesse crescimento.

Em “(Des)encontros do Brasil com Moçambique: o caso da Vale em Moatize”, Fernanda Gallo denuncia os abusos cometidos pela Vale do Rio Doce, durante a implantação dos megaprojetos para extração de minérios em Moçambique, e coloca a aproximação entre Moçambique e Brasil mais como um desencontro do que como um encontro. Segundo a autora, a leitura que a população moçambicana faz da aproximação entre Brasil e Moçambique pode ser traduzida numa frase que os próprios moçambicanos expressam: “nos livramos de Portugal, mas agora vieram os brasileiros”, o que evidencia a imagem de colonizador que o Brasil vem ganhando naquele país. Através de uma linguagem clara e instigante, a autora demonstra como o empresariado brasileiro tem lucrado com os megaprojetos em Moçambique e mostra seu desca-so com a população e o meio ambiente. Essa é uma importante

leitura para se pensar no novo colonialismo, caracterizado pelo liberalismo impulsionado a partir da década de 1990.

No capítulo que encerra o livro, Vera Fátima Gasparetto analisa os desafios epistemológicos acerca do desenvolvimento de uma pesquisa interdisciplinar feminista com movimentos de mulheres no Brasil e em Moçambique. O estudo aborda as políticas públicas desses países em relação à imagem da mulher na mídia e promove um intercâmbio acadêmico neste tema entre países do Sul global. É um importante artigo para se pensar na importância do intercâmbio acadêmico entre os países do Sul, principalmente em temas ligados as questões de gênero, ainda pouco discutidos em seus meios acadêmicos.

Assim, a terceira parte do livro aborda aspectos contemporâneos sobre Moçambique, enfatizando assuntos como o papel da mulher na sociedade moçambicana, o estreitamento das relações entre Brasil e Moçambique e seus efeitos para os campos práticos e acadêmicos. A partir desses artigos, com focos diferentes, podemos identificar pontos positivos e negativos dessa relação. Portanto, sua reunião cria um texto essencial para o leitor que deseja compreender algumas das principais questões que norteiam a política e a vida em Moçambique na atualidade e também para entender as relações deste país com o Brasil.

Encontros com Moçambique é um importante trabalho no sentido de agregar esforços na produção literária sobre a África no Brasil. O livro cumpre bem o seu papel de informar o leitor comum sobre aspectos políticos, econômicos e sociais de Moçambique, apontando questões sensíveis, como a cooperação para o desenvolvimento, que tende a beneficiar mais o país que presta a assistência do que aquele que a recebe, fazendo uma dura crítica não somente aos países do Norte, mas também aos do Sul global, que passaram a se envolver neste cenário no início dos anos 2 mil, como foi o caso do Brasil. Deste modo, o livro leva o leitor a pensar não apenas Moçambique, mas todo o cenário internacional que compactua com a pobreza do continente africano. Sua leitura é fundamental para aqueles que desejam conhecer mais sobre a história do país e compreender aspectos e questões cruciais que ainda hoje são pouco discutidos pela produção literária nacional.